

RABISCO

REVISTA DE
CULTURA POP

rabisco@rabisco.com.br

1 a 14 de dezembro de 2003

equipe | discussão | edições anteriores

Edição 31

POESIA & INADEQUAÇÃO

Edição Especial de *Lost In Space* traz a poética musical de Aimee Mann em dose dupla

JURADOS À VENDA

Quatro grandes atores e quatro personagens sem nenhum escrúpulo incendeiam o suspense *O Juri*

MODERNISMO ENCAIXOTADO

Réplicas de obras modernistas são lançadas em uma caixa, sintetizando a história de um movimento que ecoa até hoje em nossa arte

O QUERIDINHO DAS REDAÇÕES

Depois de arrebatar o coração do jornalismo cultural brasileiro, *De Leve* lança seu segundo trabalho para o grande público

CADÊ A REVOLUÇÃO QUE TAVA AQUI?!

Matrix Revolutions encerra a trilogia sem grandes arroubos de criatividade, mas também não é tão ruim como andam dizendo por aí

O FILÓSOFO IGNORANTE

Ou as reflexões filosóficas de Voltaire sobre a existência do mal no mundo e a fragilidade humana

BEM-VINDO AO INFERNO

O pesadelo de Joca Reiners Terron nos microcontos de *Hotel Hell*

SEXO, VIOLÊNCIA E NÁUSEAS

Mesmo com duas cenas fortíssimas, *Irreversible* incomoda bem mais pelo inteligente uso da câmera e pelo ritmo vertiginoso

#54: Enquanto os filmes norte-americanos fazem sucesso com expectativas exageradas, os nossos ainda dependem do boca-a-boca

#31: Você já precisou provar que você não é quem os outros pensam ser?

#3: Pesquisa recente mostra crescimento de 50% no número de crianças trabalhando em 2003

BUSCA

Picosearch



CADÊ A REVOLUÇÃO QUE TAVA AQUI?!

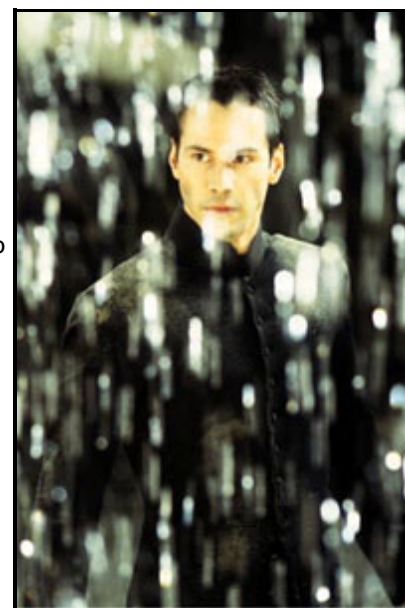
Matrix Revolutions encerra a trilogia sem grandes arroubos de criatividade, mas também não é tão ruim como andam dizendo por aí

por Fábio Freire (fabio_fcosta@hotmail.com)



lá vou eu, depois de ler trocentas resenhas detonando *Matrix Revolutions*, conferir o capítulo final da trilogia que misturou filosofia com lutas de *kung fu*, efeitos especiais de cair o queixo com uma estética de animê e virou uma verdadeira febre mundial. A caminho do cinema, eu rezava para a sessão não estar entupida de adolescente barulhentos que veneram *Matrix*, mas não sabem nem o que diabos é a alegoria da caverna, e para que o filme não fosse tão ruim assim. Dei sorte? Mais ou menos. A exceção de uns malas que comentavam qualquer bobagem, a sessão rolou tranqüila. Quanto ao filme, confesso que até gostei (entrei no cinema pronto para odiá-lo com todas as minhas forças).

Tirando a tal da revolução, que eu procurei em cada fotograma da produção mas não encontrei em lugar nenhum; a primeira parte chatíssima que se perde num lenga-lenga sem fim; e os diálogos dignos dos longos do Stallone que são lançados diretamente em vídeo, *Matrix Revolutions* é um bom filme. Se, no começo ele é meio confuso, lento e parece completamente despropositado, a partir da invasão dos sentinelas à cidade de Zion o filme ganha força, ritmo, efeitos especiais e faz a alegria da galera que, mesmo sem respostas para todas as perguntas, se diverte. E *Matrix* é isso mesmo, diversão, entretenimento, não discussões filosóficas e masturbações sem sentido e que não levam a nada. Isso eu deixo para o Oráculo.



A história é aquela de sempre, humanos contra as máquinas, Neo contra a *Matrix* e, por tabela, milhões de Smiths, a batalha final, “não há triunfo sem perdas”, “não há vitória sem sofrimento”, “não há liberdade sem sacrifícios” (ops, trilogia errada!), “todo começo tem um fim” (agora sim), blá-blá-blá. Entre batalhas e lutas de tirar o fôlego, não faltam aqueles gerais com cara de prisão de ventre, mensagens do tipo “a união faz a força” e aquelas cenas dispensáveis onde a multidão grita e se abraça

depois da vitória. Enfim, mais do mesmo. Nada que já não tenhamos visto em filmes como *Coração Valente* e mesmo *O Senhor dos Anéis*.

Portanto, o negócio é ir ver o filme sem muita pretensão, como o fim (será???) de uma saga interessante, mas cheia de falhas, e não como a última Coca-Cola do deserto. E, sabe do que mais, mesmo com todas as pontas soltas, os irmãos Wachs-alguma-coisa até que encerram sua trilogia de forma inusitada, mesmo fugindo um pouco da premissa da mitologia *Matrix* (seja lá o que for isso!). *Revolutions* não chega aos pés do primeiro episódio (esse sim uma revolução, pelo menos em termos de estética e efeitos especiais), mas também não é tão cabeça oca quanto *Reloaded*, sendo plasticamente tão bonito quanto este (a “visão de raio-x” de Neo e a

cena da luta contra o agente Smith são bem bacanas visualmente).

Keanu Reeves continua atuando como uma porta, mas ele até dá um certo ar *blasé* ao Neo. No intervalo de uma luta e outra, bem que Trinity (Carrie Anne-Moss) podia procurar uma fonoaudióloga: o ovo que ela tem na boca chega a irritar. Morpheus (Laurence Fishburne) continua com cara de bunda, mas pelo menos vira coadjuvante e nos poupa de seus discursos de auto-ajuda. Já a “oráculo” muda de cara, mas ainda é adepta de um baseado.

Entre os acertos, temos uma participação maior de Niobe (Jada Pinkett Smith) e as já citadas cenas de batalhas, além do clima bacana da estação do trem (por mais que o maquinista me lembrasse a alma penada que morava também numa estação em *Ghost - Do Outro Lado da Vida*). Destaque também para a ironia de Smith (Hugh Weaving, o único que parece não levar tudo tão a sério). Já entre os (muitos) erros, a participação idiota dos personagens Merovingian (Lambert Wilson) e Persephone (Monica Bellucci) que, com todo aquele peito, só tem uma fala; a péssima atriz infantil que “interpreta” Sati (até a paranormal Salete é melhor que essa pivete aqui); e a cena trash da boate, onde o figurino ridículo tira qualquer um do sério, só perdendo pro estilo *Rapa Nui* dos conselheiros de Zion. Mas, mesmo com vários pontos pesando contra, *Revolutions* ainda vale o ingresso. Só nos resta agora esperar que Peter Jackson encerre sua trilogia com mais dignidade. Quem sabe a revolução não foi parar lá! 🍷

